A TEMPESTADE

É noite e escuro e sem estrelas e a tormenta cai sobre o rio de la Plata, estrugindo como os intestinos do mundo, jogando de lá para cá a pirágua-guia e seu amarrado atrás, uma balsa de juncos repleta de santos de pau, e é o índio gritando na pirágua, clamando pela dores da Virgem, implorando ao Padre-mestre que saia de seu silêncio oratório, que responda alguma coisa pois se vão direito às barrancas, vão esbarrondar-se naqueles calhaus perigosos que à luz do sol apresentam-se com a inocência das nuvens mas que à noite são solertes como demônios; mas o Padre-mestre não responde, embebido num agourento silêncio, sumido nas sombras da pequena palhoça erguida sobre a embarcação de juncos, e a que chama castelo de popa, nome tão sonoro e majestoso para tanta indignância. Francisco Abiaru grita até rebentarem os pulmões o nome do Padre-mestre e sua voz perde-se no negror da noite, "diga ao menos se está aí, pelo amor de Deus!", e em resposta apenas ouve o esbravejar do rio que parece um revoltoso mar oceano, tal como na imaginação de Francisco Abiaru deve ser o mar, espumando-se em cólera, o rio de la Plata que tanta gente já trágou naquelas paragens, são decerto os espíritos ruidosos dos antepassados guaranis que marulham e enlouquecem as águas, por estar um filho seu Francisco Abiaru de acertos com gente cristã e jesuíta a esculpir santos e ainda a levá-los a Buenos Aires para ornamento de um templo famoso pelo ouro e recamações de prata.

Custoso, tremendo a mão, as tripas se desfazendo em água fedorenta, Francisco Abiaru vai Tateando a popa da pirágua-guia, sente o grosso volume da corda de embira que se retesa e se afrouxa, volta a retesar-se: ainda prende pois a embarcação de juncos mas a preciosa carga talvez esteja perdida há muito, e perdido o padre, quem sabe a embarcação de juncos não é mais do que dois-três caibres mal atados e Abiaru ainda querendo falar à noite e ao nada. E agarra-se ao costado da pirágua que roda no eixo da corda, vai e volta como uma palha em um córrego de chuva, as ondas nas espáduas, enchendo-se a cavidade da pirágua, logo não saberá mais o que é canoa e o que é rio. Um raio parte ao meio o céu terrível e naquele fuzil esbranquiçado Francisco Abiaru pouco enxerga, mas vê que todo o desconjunto vai de encontro a uma grande pedra no meio da torrente, não conhecia aquela pedra, maior e mais terrível do que a noite, a pata solene de Belzebu posta ali para desgraçá-los. Fecha os olhos, comprimindo-se ao casco da pirágua, mas o estrondo do trovão, grosso como uma peça de artilharia faz com que os abrisse, e a tempo de colher a claridade de outro raio; e ele percebe os contornos destruídos da carga, ainda restam três santos de pau desgarrando-se, desfez-se o castelo de popa, desfez-se o padre, a tragédia acontece e ele agora só, a pedra decerto cada vez mais próxima, vai ser agora um baque, um golpe tremendo que virá desfazer o que ainda sobra da malfadada expedição a Buenos Aires.

Abiaru prepara-se enrijando os músculos, comprimindo as pálpebras e nada de estrondo, é só aquele arrastar estrepitoso pelas águas, escapou-se da pedra, sorte, bênção do Santo Inácio. Começou a rezar uma Salve Regina à qual emendou depressa um Confiteor amainador da fúria divina, precisa apresentar-se limpo no céu agora tão próximo que quase pode ouvir os anjos tocando tubas e trombones e tiorbas como no coro da igreja da Redução. O fim iminente de tudo faz com que Francisco Abiaru solte os braços, as mãos deslizam pela madeira, a cabeça lentamente afundando na água, ele despegando-se da pirágua, o corpo amolecido e lasso, largando-se...

Despega-se, finalmente, como a criança se solta do ventre da mãe, os braços boiando, ondulando nas ondas como se estivessem quebrados, as pernas brandas e

fatigadas, ele todo solto e à mercê da tormenta, dos calhaus, das pedras, um ser fantasioso que sente o último estrebuchar da vida, larga o mijo que flui quente entre as coxas, de mistura com a frialdade das águas, o concerto celeste, onde? onde as tiorbas e tubas?

Quando sim houve o golpe, algo bate em sua cabeça, bem no topo, um volume denso e duro despertando-o da fantasia desvairada, trazendo-o à luz da vida. Agarra-se com todas as ânsias ao volume, os dedos tateando vão reconhecendo as barbas duras, o pescoço duro, a dureza do peito, a coroa de espinhos fincando a pele tantas vezes lacerada pelos formões e talhadeiras, o corpo oferece-se como resgate e bóia, de boa madeira feito, também aquele Corpo despregara-se com a tormenta, mas de um enorme crucifixo que Francisco Abiaru ele mesmo demarcou e serrou e poliu e encerrou, cravando nele as Mãos e os Pés divinos. Abraça-se ao Salvador, homem de seu tamanho terrestre, o Padre-mestre quis que fosse do tamanho natural, era mais valioso e belo, e em Buenos Aires os enriquecidos clérigos seculares dariam preço altíssimo, em prata contada. Não quero mais morrer, pensa Francisco Abiaru, enlaçando perna com perna, abrindo seus braços sobre os hirtos braços abertos, peito contra peito, as costelas de Cristo rasgam as carnes, mas bem mais sofreu Ele na cruz por nossos males nojentos. Não vai morrer, já não quer, mas também não verá mais o Padre-mestre, nessa hora jazendo no leito barroso do rio de la Plata, aquelas mãos finas e espanholas esgravatavam errantemente o lodo ao sabor das correntes aquáticas, as mãos e dedos que tanto esculpíram tantas imagens de pau, com amor e carícia. Francisco Abiaru larga também o choro, larga todas as águas da natureza corporal, os pulmões não sabem se respiram à tona ou se choram, só não pode largar de si a alma, que a quer muito presa agora às suas carnes. Chora também a perda de tantas imagens de pau extremosamente esculpidas e com as quais num momento de sonho ele e o padre imaginaram erguer tanto dinheiro que voltariam ricos de Buenos Aires, com brilhante ouro em saquitéis de veludo e lingotes de prata, tudo para derreter e fundir em formas de cálices, patenas, ostensórios e candelabros. Tudo isso, todo esse sonho desce rio abaixo, ao destino do fragoroso mar, reino dos grifos e das sereias. Apenas lhe resta o Salvador, e nunca Ele foi tão merecedor deste nome. Mas é sua força, a única nesta hora, e comovido disse alto: Por la señal de la Santa Cruz de nuestros enemigos liberanos Señor en el nombre del Padre e del Hijo y del Espíritu Santo Amén, Jesus. Por docilidade ao materno idioma recita: Santa Cruz ra angaba rehe or amora rey mbaragui. Orepi ciro epe Tupa Oroyara Tupa hac Taira hac Espiritu Santo rera pipe Amem Jesus. Para maior certeza de ser ouvido lembrou-se das missas: Por signum Sanctae Crucis de inimicis nostriis libera nos Deus noster, In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti Amen. Não vai morrer mais, a vida lateja em seus membros guaranis, é forte, moço e belo, tem destreza e malícias, e possui uma arte que nunca ninguém lhe poderá tirar.

Mas os rios são tenebrosos à noite, povoados de peixes e almas, demônios talvez, prontos a tragar quem se desgoverna. Ainda mais nesse rio de la Plata, Francisco Abiaru num ponto que não conhece de tanto que desceu, levado pela torrente encrespada. Chove todos os barris a que o céu tem direto nesta quadra do ano e as águas crescem, Francisco Abiaru pode sentir como elas se adensam debaixo do corpo sagrado ao qual mais se ajeita, deitando-se de dorso, os braços agora enlaçando pelas costas o torso de cedro, rodopiando, entontecendo, deixando-se levar, tem a seu favor todas as preces em todos os idiomas salvadores e todas as penitências e confissões que fez na vida.

Tem lapsos de entressonho e vigília, estremeções que dão conta de que dormiu por instantes, assim a natureza se compensa. E a cada acordar um novo firmar-se em sua

salvação, é o Cristo sim que o acorda quando ele quer abandonar-se às águas que se vão tornando mais salgadas, ah que me voy al mar. Lá, no imenso mar, a perdição certa. Nunca ninguém se salvara, ouviu muitas vezes dizer. Padres contavam de gente que se tinha ido banhar ao costado do navio e que havia desaparecido sem nenhum rastro. Prende-se com toda a força, fecha os olhos, passam riscos iluminados pelo negror profundo, talvez o inferno, as submarinas regiões. Um sonho tão rápido como um suspiro: ele e o Padre-mestre chegando a Buenos Aires, são recebidos no porto pelo Papa todo vestido de ouro, a tríplice tiara reluzindo de diamantes, rubis e esmeraldas, o báculo incandescente dardejando raios em forma de cruz, Francisco Abiaru e o padre caem de joelhos, pedem perdão por trazerem aqueles santos de pau e não de ouro e o Papa aos gritos que jamais receberá objetos tão sacrílegos, e com um raio do báculo reduz a cinzas os santos tão pobres.

São dois seios bojudos e rosados pendentes no céu, gotejando água nos dois bicos negros como carvão e se aproximam e se afastam de Francisco Abiaru, ora chegam tão perto que, se quiser, toca-os; ora ficam tão longe que se confundem com as nuvens que se esgarçam no azul desmaiado. As sereias, pensa rápido Francisco Abiaru, pois mesmo no estraçalhamento dos sentidos e no quase quebrar dos ossos, lembra-se que as sereias dominam os mares. E não sonha, pois a água marítima lixa sua garganta como garras de Lúcifer e a espuma lava seu corpo, deixando uma renda de Holanda sobre seu peito negro.

Francisco Abiaru agarra-se mais ainda ao Salvador, sobe e desce ao sabor das águas serenas como respiração de criança. A uma vaga maior, os seios fantásticos adernam, vêm terríveis em sua direção, vão esmagá-lo de encontro ao Cristo, mas ele dá um safanão magnífico para o lado e os seios mergulham na água num fragor medonho, alçando as ondas às alturas da torre da igreja de São Miguel, e no seguimento dos seios vem todo o madeirame do enorme navio e as gargalhadas dos homens se concentram à proa, e gritam que estão vendo um índio, venham cá todos, um índio! Francisco Abiaru sente-se raspar com violência no costado eriçado de cracas que o ferem como esporas agudíssimas.

- Ei, índio, toma lá - e jogam uma corda que vem serpenteando sobre as águas, os dedos murchos conseguem alcançar a corda, mas o braço livre ainda enlaça o pescoço do Salvador, e os homens rindo e gritando que largue o santo e Francisco Abiaru prende-se ainda mais nele: vai reconhecendo o acento da malévola gente portuguesa e brasileira que tantos estragos fizeram nas Missões.

- Larga o santo, ó animal! - berram-lhe como seguidores de Belzebu.

- No! - responde, com aquilo que ainda sobra de suas forças - Si no me voy con mi Salvador, me ahogo!

Os homens suspendem as risadas, aparece um maioral na amurada, uns bigodões arrepanhados para a nuca, os cabelões emergindo do chapéu tricorne e que grita que venha com o santo, pois, ó pedaço d'asno! E da amurada mandam um marinheiro esguio atado pela cintura que se vem defendendo das cracas e traz uma outra corda e já na água pega o Salvador pelos pés e o amarra fortemente no ponto em que os pés pregados se unem, fez um sinal para cima e dois possantões começam a alçar o santo ao mesmo tempo em que também erguem Francisco Abiaru e assim vai suspenso, e bem seguro ao Salvador. Vêm todos os homens para a amurada e é um custo para o maioral mandar que abram espaço, mas não arredam pé, é preciso que um sub-maioral com um relho faça um grande claro no tombadilho, onde depõem Francisco Abiaru lado a lado com seu Cristo.

E é a escuridão dos olhos fechados e um grande cansaço e nada mais há que fazer, só dormir e desmaiar e assim entrega-se.